



# 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

---

Eixo: Serviço Social, Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional

Sub-Eixo: Ênfase em Trabalho Profissional

## A APREENSÃO DA CATEGORIA INSTRUMENTALIDADE E A ATUAÇÃO PROFISSIONAL DO ASSISTENTE SOCIAL NO SETOR SAÚDE

Ingrid karla da Nóbrega Beserra<sup>1</sup>

**Resumo:** A atuação profissional do (a) assistente social ganha cada vez mais importância, mediante a manutenção ou agravamento de antigos problemas, que, por vezes, geram novas problemáticas, postas como desafios ao Serviço Social. O presente trabalho evidencia que a busca pela superação desses velhos e/ou novos desafios vem demandando dos profissionais o uso de estratégias de enfrentamento, luta e resistência no âmbito institucional e no campo político. Nesses espaços, têm-se a categoria instrumentalidade, entendida como uma mediação fundamental para superar as dificuldades que se anunciam em tempos de contrarreforma do Estado. As discussões que serão apresentadas abaixo se configuram como resultados da pesquisa de mestrado, realizada num Hospital de Alta Complexidade e tem como objetivo refletir sobre a apreensão da instrumentalidade pelos assistentes sociais, numa particularidade.

**Palavras-Chave:** Assistente social. Racionalidade. Instrumentalidade. Saúde.

**Abstract:** The professional work of the social worker is gaining more and more importance, through the maintenance or aggravation of old problems, which sometimes generate new problems, posed as challenges to Social Work. The present work shows that the search for overcoming these old and / or new challenges demands professionals to use coping, struggle and resistance strategies in the institutional and political fields. In these spaces, we have the category instrumentality, understood as a fundamental mediation to overcome the difficulties that are announced in times of counterreformation of the State. The discussions that will be presented below are configured as results of the master's research carried out in a Hospital of High Complexity and aim to reflect on the apprehension of instrumentality by social workers, in particular.

**Keywords:** Social worker. Rationality. Instrumentality. Cheers.

### INTRODUÇÃO

A atuação do serviço social na área da saúde não é recente. Contudo, as novas requisições institucionais e a alta demanda de usuários que se evidenciam no cotidiano institucional constituem um campo de pesquisa, pois transformam o aparente em questões investigativas que requerem análises teórico-metodológicas e técnico-operativas aprofundadas, para além da resolução das situações-problema.

Consideramos que a dimensão investigativa no âmbito do cotidiano do trabalho do serviço social assume, dessa maneira, uma característica peculiar. As expressões da questão social que se materializam permitem o conhecer da realidade de maneiras direta e indireta. Em ambas, a investigação torna-se imprescindível.

---

<sup>1</sup> Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal Fluminense – UFF, E-mail: ingridkarla.nobrega@gmail.com.

## Para Guerra (2009)

O assistente social lida com essas múltiplas expressões das relações sociais da vida cotidiana, o que permite dispor de um acervo privilegiado de dados e informações sobre as várias formas de manifestação das desigualdades e da exclusão social em sua vivência pelos sujeitos, de modo que a ele é facultado conhecer a realidade de maneira direta: a partir da sua intervenção na realidade, das investigações que realiza, visando responder a esta realidade. Mas é possível também conhecer através das experiências indiretas, através do que já foi produzido por outras pesquisas e/ou teoricamente. Também aqui, para o assistente social, se exige um investimento na investigação, posto que, ao testar o conhecimento derivado indiretamente, tem-se como resultado uma avaliação sobre o mesmo. (GUERRA, 2009, p. 14).

Considerando esses aspectos, observou-se que a categoria instrumentalidade, no âmbito da saúde, dimensiona a necessidade de investigações por gerar dubiedades quanto ao uso. São equívocos teóricos e metodológicos que precisam ser desvelados e investigados, para que, assim, novas respostas sociais possam ser direcionadas ao conjunto da população.

Reafirmamos que a instrumentalidade do serviço social é apreendida no cotidiano e nos processos de trabalho da profissão e que a sua compreensão teórica pode ser analisada e aprofundada por qualquer assistente social e em qualquer tempo histórico.

O trabalho aprofunda a discussão da instrumentalidade, tendo como referência empírica o setor saúde. Os resultados apresentados se referem à pesquisa de mestrado, realizada num Hospital de Alta Complexidade do Nordeste Brasileiro, no período de 2015 a 2016. Foram entrevistadas cinco assistentes sociais da referida instituição. Os dados e as características do percurso metodológico serão apresentados abaixo.

## **2. O PERCURSO METODOLÓGICO, A INSTITUIÇÃO PESQUISADA E O PERFIL DAS PROFISSIONAIS ENTREVISTADAS**

No percurso metodológico, elegemos o método crítico-dialético, para a compreensão da instrumentalidade como mediação no exercício profissional. O estudo é considerado exploratório, de natureza qualitativa. Nos procedimentos de coleta de dados, optamos pela entrevista individual e semiestruturada, além da pesquisa documental. Realizamos entrevistas com cinco assistentes sociais do HC-UFPE, a partir dos critérios de inclusão e exclusão da pesquisa

A instituição pesquisada foi o Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco (HC/ UFPE), uma instituição de referência regional e de alta complexidade,

atua nas diversas áreas do ensino, pesquisa e extensão das Ciências da Saúde e tem por finalidade a formação de profissionais de saúde. Como hospital-escola, está organizado a partir das diretrizes estabelecidas pelo Ministério da Saúde e pelo Ministério da Educação (MEC).

O HC/UFPE presta atendimento direto a usuários oriundos de várias regiões do estado, a partir das demandas da rede regionalizada e hierarquizada, conforme os princípios e diretrizes do SUS. Segundo a Lei Orgânica da Saúde (LOS), os hospitais universitários federais são integrados ao SUS através de convênios, respeitando as especificidades regionais.

A requisição do serviço social no campo da saúde é histórica. A atuação do (a) assistente social faz parte da história do hospital-escola, desde quando o HC funcionava nas dependências do Hospital Pedro II até quando, em meados dos anos 1980, todos os serviços foram transferidos para a estrutura do campus na cidade universitária.

O serviço social enquanto profissão está inserido na divisão social e técnica do trabalho (Iamamoto, 2007) e, como profissão, possui intervenções que acumulam procedimentos teóricos, metodológicos, éticos e políticos. Desse modo, a atuação do (a) assistente social no HC/UFPE incide mediante a prestação de serviços individuais e coletivos; do estudo e pesquisa das condições de vida da população; das determinações sociais da saúde e dos determinantes do processo saúde-doença; além da formação de profissionais na área da saúde, através da qualificação de alunos de graduação em serviço social e de assistentes sociais, entre outras coisas (PERNAMBUCO, 2003).

No Hospital das Clínicas da UFPE, o serviço social possui cinco áreas de atuação: ambulatório, enfermaria, estágio, plantão geral e plantão do serviço de admissão e alta.

Dito isto, à época da pesquisa de campo (2015-2016), no quadro funcional do serviço social do hospital atuavam 26 assistentes sociais. Destas, duas estavam cedidas a outras instituições. Das 24 assistentes sociais que possuem vínculo empregatício e que estavam atuantes, quatro possuíam vínculo de trabalho através da CLT e 20 através do Regime Jurídico Único (RJU) com carga horária de 30 horas semanais.

Ressalvamos, ainda, que seis assistentes sociais também atuam em outras instituições, ou seja, têm duplo vínculo empregatício, perfazendo uma carga horária total de 60 horas semanais. O tempo de serviço das profissionais varia em torno de um ano a 33 anos de atuação.

As profissionais possuem idade que varia entre 28 a 60 anos e tiveram a sua formação, em nível de graduação, entre os anos de 1979 e 2011, sendo que 22 são concluintes da UFPE e duas da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Com relação à formação complementar, 21 têm especialização; sete possuem mestrado e uma, o título de doutora em serviço social. Apenas duas assistentes sociais não têm nenhum tipo de pós-graduação. Evidenciamos que as assistentes sociais com mestrado também têm grau de especialistas nas áreas de Saúde Coletiva e/ou Gestão de Políticas Sociais e Serviço Social. A assistente social que possui o título de doutorado também possui especialização em Políticas Públicas e Gestão de Serviços Sociais e outra em Prevenção de Abuso Sexual e Infantil.

As cinco assistentes sociais selecionadas como informantes estão na faixa etária de 29 a 39 anos; com tempo de serviço de um a nove anos de trabalho, assim distribuídos: duas assistentes sociais com cinco anos de vínculo de trabalho; duas com nove anos; e uma com um ano de trabalho. Com relação ao vínculo: uma é regida pela CLT e quatro profissionais são concursadas via RJU. Sendo ainda que quatro entrevistadas trabalham apenas no HC e uma possui outro vínculo empregatício.

### **3. A INSTRUMENTALIDADE**

A princípio, o termo instrumentalidade aparenta se direcionar à compreensão ou estudo dos meios, instrumentos e técnicas de atuação profissional do serviço social, à pura operacionalização das políticas mediante o uso de instrumentais técnico-operativos.

Em uma reflexão mais crítica e reflexiva, verificamos, no entanto, que, ao se analisar a estruturação da palavra, o sufixo “idade” tem a ver com capacidade, qualidade ou propriedade para se falar em algo. Dessa maneira, podemos concluir que instrumentalidade do serviço social se refere a uma dada capacidade que a profissão vai adquirindo em sua trajetória socio-histórica, através do confronto entre teleologias e causalidades (GUERRA, 2000a).

A instrumentalidade, como uma capacidade que a profissão vai adquirindo na medida em que concretiza objetivos, possibilita que os (as) assistentes sociais objetivem a sua intencionalidade em respostas profissionais. É por meio dessa propriedade que os profissionais modificam e alteram as condições objetivas e subjetivas, além de transformarem as relações interpessoais e sociais existentes nas relações sociais. Ao

alterarem o cotidiano e a realidade dos usuários que demandam atendimento, modificando as suas condições e se utilizando de meios e instrumentos, os (as) assistentes sociais estão dando instrumentalidade à atuação profissional dentro das instituições (GUERRA, 2000b).

Essa capacidade ou propriedade que a profissão adquire na medida em que concretiza os seus objetivos pode ser constituída por três dimensões: a primeira se refere à análise da instrumentalidade da profissão face ao projeto burguês; a segunda se refere à instrumentalidade das respostas profissionais; e a terceira analisa a noção como uma forma de mediação.

A instrumentalidade funcional ao projeto burguês refere-se à capacidade de a profissão ser instrumentalizada para a manutenção da ordem ou a serviço do projeto reformista da burguesia. A instrumentalidade das respostas profissionais está relacionada à capacidade técnico-operativa ou aos instrumentais operativos utilizados para dar suporte às respostas profissionais frente às demandas da população. A última caracterização considera a instrumentalidade como mediação. Ou seja, compreendida como o espaço no qual a cultura profissional se movimenta, e é através dela que os (as) assistentes sociais constroem indicativos teórico-práticos para a intervenção. Argumentamos que é a partir da mediação que as particularidades e as singularidades vivenciadas no cotidiano podem ser apreendidas para o direcionamento da ação, seja pela compreensão do objeto de intervenção para além dos instrumentos e técnicas, seja pela apropriação da perspectiva crítica que direciona o pensar e o agir profissional (GUERRA, 2000b).

Os dois primeiros níveis da instrumentalidade estão sustentados por um caráter instrumental, decorrente dos aspectos manipulatórios e ideologizantes da sociedade e suas instituições. Verificamos que, nessas duas compreensões, permanecem as visões psicologizantes e moralizantes da questão social. Além de práticas que buscam controlar e adaptar comportamentos e formas de sociabilidade que são exigidas pelos padrões de acumulação do sistema capitalista (GUERRA, 2000b).

Consideramos que a instrumentalidade é uma condição de existência e reprodução do ser social. É uma capacidade necessária à relação entre homem e natureza. Portanto, só existe instrumentalidade a partir do trabalho. Além disso, apreendemos também que existem condições objetivas com que os homens se defrontam, que escolhem ou criam com vistas a aperfeiçoar as técnicas e os instrumentos de trabalho. É através deste que o ser social realiza a sua ideação e adquire instrumentalidade. Ou, em outras palavras: “toda postura teleológica encerra a instrumentalidade, o que possibilita ao homem atribuir às coisas as

propriedades verdadeiramente humanas, no intuito de que elas venham a converter-se nos instrumentos, nos meios para o alcance das suas finalidades” (GUERRA, 2000a, p. 11).

Em relação ao serviço social, nesse campo saturado de contradições e complexidades, Guerra (2014) entende que o estudo da instrumentalidade ainda pode ser considerado um campo saturado de mediações que não foram suficientemente discutidas pelos (as) assistentes sociais. Além disso, essa ineficiência de debates ocasiona um discurso que a nega ou revela um conjunto de intervenções que se reduzem a atuações finalísticas, repetidas e modelares (GUERRA, 2014).

Constatamos, também, que, em torno da discussão da instrumentalidade, existem diversas confusões teóricas. Uma delas parte das ideias de como realizar a intervenção profissional (o “como fazer”). Nesta, consideramos que do domínio dos instrumentos e técnicas derivam ações competentes técnica e politicamente. A segunda linha de argumentação representa o “discurso” de recusa aos instrumentos e técnicas, por considerá-los imbricados na lógica formal (GUERRA, 2014).

Ressaltamos ainda que em uma profissão interventiva como o serviço social, o uso de instrumentais de trabalho, de instrumentos técnico-operativos ou de uma documentação específica, é de extrema importância. O fato é que estes não podem resumir a noção de instrumentalidade, pois limitaria “o conjunto das racionalidades que revestem a profissão ao paradigma da racionalidade formal” (GUERRA, 2014, p. 74).

Do mesmo modo, ponderamos ainda que a instrumentalidade tem sido pouco apreendida em seu sentido real pelos (as) assistentes sociais. Segundo Guerra (2014), existem dois motivos centrais para a falta de compreensão dessa temática, no âmbito do serviço social. O primeiro refere-se às lacunas que ainda precisam ser preenchidas, pois se trata de um tema recente a partir da utilização da perspectiva crítica na profissão. O segundo motivo refere-se aos diversos equívocos teóricos que têm sido construídos pela apropriação errada, considerando o seu significado original.

#### **4. A APREENSÃO DA CATEGORIA INSTRUMENTALIDADE E A ATUAÇÃO PROFISSIONAL DO ASSISTENTE SOCIAL NA SAÚDE**

A análise dos dados nos revelou elementos importantes sobre a atuação dos assistentes sociais e sobre a apreensão da categoria instrumentalidade, no respectivo hospital universitário.

A nova gestão dessa unidade de saúde desenvolvida através da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH), com foco na eficácia e eficiência, tem priorizado a inserção das assistentes sociais recém-contratadas diretamente nas equipes multidisciplinares e não diretamente nos setores de serviço social.

Segundo a E1, esse é um aspecto que levanta certa preocupação, já que esta determinação administrativa poderá comprometer a autonomia profissional. Não é que a inserção em uma equipe interdisciplinar ou multiprofissional possa ser um aspecto negativo ao exercício profissional. Mas se pondera que a assistente social, ao ficar vinculada à clínica e não ao serviço, por vezes, poderá, ao invés de atender as demandas de acordo com as suas competências, atuar para além dos parâmetros postos pela profissão. A informante E1 argumenta ainda que o chefe de clínica, por ser quase sempre um médico, poderá apresentar uma visão distorcida sobre o perfil do (a) assistente social no setor da saúde, o que poderá comprometer a autonomia relativa profissional.

No entanto, reconhece-se que existem disputas pela hegemonia no campo da Saúde Coletiva e compreende-se também que existem limites profissionais no desenvolvimento da instrumentalidade em equipes multidisciplinares e interdisciplinares. Contudo, ao mesmo tempo, entende-se que são nesses espaços que podemos atuar para desconstruir a hegemonia do modelo biomédico, ou seja, é a partir de reflexões sobre transdisciplinaridade de saberes e práticas que iremos construir coletivamente a defesa da saúde como democracia e direito social. Com relação à continuidade da formação profissional, todas as informantes afirmaram que há um comprometimento com o desenvolvimento do aperfeiçoamento através de cursos e atividades acadêmicas. Apenas uma profissional afirmou que trabalhou enquanto frequentava o curso de graduação e que, em certa medida, isso gerou dificuldades no processo de aprofundamento teórico.

Quando questionadas se houve alguma dificuldade de apreensão nos debates teóricos e discussões temáticas apresentadas em sala de aula, apenas duas das cinco entrevistadas afirmaram que o processo de aprendizado poderia ter sido mais intenso, caso tivessem acesso à rede mundial de computadores, ou, ainda, se houvessem se matriculado em disciplinas eletivas ofertadas durante o ano letivo. Para uma entrevistada, com o acesso

rápido à internet nos dias atuais, fica muito mais fácil buscar artigos, livros, resenhas ou outros materiais para estudos.

Em relação à categoria instrumentalidade, a informante E2 afirmou ter tido dificuldade em entender a discussão no período em que cursava a graduação

*“Rapaz! Para lhe ser sincera, eu acho que a questão da instrumentalidade mesmo me deixou um pouquinho confusa. Assim, eu não me aprofundi também... na questão do entendimento. Assim, ficou um pouquinho desejando mais. Porque agora quando tu vieste para a gente eu fiquei pensando: isso a gente estudou... eu sei que a gente estudou, mas eu não consegui me aprofundar” (E2, 2015).*

Ressaltamos que existem confusões teóricas e metodológicas acerca do conceito de instrumentalidade, conforme afirma Guerra (2014), pois existe desconhecimento em torno do conceito, tanto no campo teórico-metodológico, quanto nos aspectos técnico-operativos que fundamentam a atuação profissional do serviço social. Para além das confusões na abordagem teórica, ainda temos aqueles que apreendem a instrumentalidade como sinônimo de dinâmicas, técnicas e instrumentos de trabalho utilizados com grupos, indivíduos, famílias e em espaços socio-ocupacionais. Assim sendo, é necessário estabelecer mediações para desmistificar as necessidades reais de demandas imediatas tanto do usuário quanto da instituição, pois, como argumenta Guerra (2010, p. 721):

Na imediatividade do cotidiano, dadas as suas características estruturadoras, a tendência é de considerar a intervenção pelo seu resultado, sem buscar os seus fundamentos e de realizar intervenções que concebam o indivíduo isolado da estrutura e contexto socio-histórico, de modo a responsabilizá-lo, e mais ainda, a culpabilizá-lo pelo seu suposto sucesso ou fracasso, com o que subvertem-se princípios e diretrizes da formação profissional.

Nesse sentido, Mota (2014, p. 701) assevera que:

Na ausência dessa competência intelectual, que requer reflexão, estudo, pesquisa e domínio de informações sobre a realidade, ganham projeção técnica a avaliação e o julgamento dos resultados da ação que, quase sempre, recaem na constatação da impossibilidade de utilização da teoria social crítica, de inspiração marxiana, para tratar os fenômenos singulares e contemporâneos. Isso porque na teoria marxiana alguns leitores desavisados procuram inspiração para orientar ou instrumentalizar imediatamente as demandas cotidianas. Amparando-se na negação da perspectiva da totalidade e no fato de as categorias marxianas não darem conta das problemáticas do dia-a-dia profissional, advogam a pertinência do marxismo para explicar as macroestruturas, mas praticam o pragmatismo e o empirismo para atender aos requisitos da ação cotidiana.

Para os sujeitos informantes, o processo de aprendizado ocorre em outros espaços, como a participação em eventos da categoria e em debates de temas transversais à



profissão. Ressalto que, com relação à participação em eventos, só uma entrevistada afirmou não ter participado de nenhuma atividade da categoria durante o processo de formação profissional em nível de graduação.

Nessa mesma questão, quatro informantes afirmaram ter participado de algum evento promovido pela categoria profissional, dentre os quais, citaram aqueles realizados pela: Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (Abepss); pelo Conselho Federal de Serviço Social (Cfess); pelo Conselho Regional de Serviço Social (Cress); pelo Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (Imip); da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC); e do Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social (Enpess). Além disso, citam eventos promovidos pelo movimento estudantil, como o Encontro Nacional de Estudantes de Serviço Social (Eness) e o Encontro Regional de Estudantes de Serviço Social (Eress).

Revelar essa participação em eventos científicos é importante para reafirmar a busca pelo aprofundamento teórico das categorias que dão sustentação à prática profissional. Nesses espaços, pode-se observar que a categoria instrumentalidade é apresentada e debatida, como uma mediação necessária ao imbricamento dos conteúdos aprendidos, para além da sala de aula, na perspectiva de superar as expressões do conservadorismo na formação profissional.

Os sujeitos entrevistados também revelaram a importância do estágio obrigatório para a formação profissional em serviço social. Para as informantes, o estágio é um espaço de continuidade do aprendizado, bem como, a iniciação científica ou projetos de extensão (três assistentes sociais participaram de atividades dessa natureza). A análise dos dados coletados também evidenciou que as categorias teóricas que foram mencionadas, em número maior, como tendo sido as que foram apreendidas com mais qualidade no período de formação acadêmica são: questão social (E1; E5); trabalho (E1; E5); mediação (E1; E2; E3); instrumentalidade (E2; E4). Observe-se que todas as disciplinas mencionadas pelas informantes têm seus fundamentos da teoria social crítica, que analisa a realidade objetiva a partir das contradições inerentes à sociedade de classes. Segundo Mota:

Isso porque, da teoria pode-se cobrar o desvelamento do real, que transformado num real pensado, permite, mediante aproximações sucessivas, desvelar a aparência dos fenômenos pela apreensão de categorias que deem inteligibilidade à realidade desde uma perspectiva de totalidade (produção e reprodução social), com uma visão histórica e de crítica radical (aos modos de ser e viver da sociedade). E neste caso, o que é singular se particulariza através de uma operação intelectual que o vincula, através de mediações, às leis gerais e universais que regem uma determinada realidade, historicamente desenvolvida, oferecendo aportes para compreender e transformar a realidade. (MOTA, 2014, p. 19).

Ponderamos ainda que esse resultado se deva, dentre outros dados, ao avanço da produção intelectual da profissão, a partir dos anos 1980 do século XX; e à inserção do serviço social como uma área do conhecimento das ciências sociais aplicadas que logrou o reconhecimento de agências de fomento nacionais e regionais, sobretudo, devido à expansão dos programas *stricto sensu* e *lato sensu* e dos grupos de pesquisa das instituições de ensino.

A instrumentalidade do serviço social, conforme já afirmado, é definida como “uma determinada capacidade ou propriedade constitutiva da profissão, construída e reconstruída no processo socio-histórico” (GUERRA, 2000b). Nestes termos, Mota (2014, p. 18), afirma que:

O Serviço Social brasileiro, ao se constituir numa área do conhecimento, adensa a sua intervenção na realidade através da construção de uma cultura intelectual, de cariz teórico-metodológico crítico, redefinindo a sua representação intelectual e social até então caracterizada, prioritariamente, pelo exercício profissional, no qual a dimensão interventiva tinha primazia sobre o estatuto intelectual e teórico da profissão.

A análise das entrevistas também revelou que a instrumentalidade, capacidade ou propriedade constitutiva do serviço social, vem se estruturando no cotidiano profissional, porém demanda, nas suas intervenções, as condições, instrumentos, meios para o enfrentamento dos vários desafios que se apresentam para o alcance dos objetivos profissionais. Ou seja, torna-se necessário que os (as) assistentes sociais criem os meios e as condições objetivas e subjetivas para materializar as suas ações profissionais, dando-lhe instrumentalidade.

Nesses termos, considerando que a instrumentalidade se manifesta no cotidiano profissional, o nosso estudo evidenciou que a temática foi sendo aprofundada, por todas as entrevistadas, também em diferentes períodos posteriores à conclusão da graduação. A apreensão da categoria instrumentalidade, no período de formação profissional, foi mencionada como fundamental pelas cinco informantes, sendo que apenas uma afirmou não recordar de ter esse conteúdo nas discussões em sala de aula, entretanto, ressalta que se aproximou da temática da instrumentalidade em eventos científicos e na produção intelectual da categoria.

Das quatro entrevistadas que afirmaram ter tido algum conhecimento acerca do tema da instrumentalidade, pode-se constatar que, para a informante E1, o debate que se travou

foi em torno dos elementos apresentados por Yolanda Guerra, no livro “A instrumentalidade do Serviço Social”. Para a entrevistada, esta é uma “categoria abstrata” e que requer um estudo mais aprofundado dos conteúdos das ciências filosóficas. A informante E2 afirmou que o processo de apreensão da instrumentalidade deve ter início na formação acadêmica e ser aprofundada durante toda a vida profissional, pois, sempre há confusão teórica em relação ao tema. Segundo ela, muito do que fora discutido no processo de formação na graduação se pautou apenas na utilização dos instrumentais técnico-operativos e não na totalidade do debate. A entrevistada E4 certificou que o estudo do tema foi relacionado à discussão da mediação como categoria central. Para E5, o tema instrumentalidade teve associação com a questão das atribuições do trabalho do (a) assistente social nos diversos espaços ocupacionais.

Ressaltamos que, para além de apreender as dimensões teóricas que fundamentam a instrumentalidade, é necessário criar algumas estratégias de enfrentamento das expressões conservadoras no cotidiano institucional, tais como:

- a) Ter um olhar voltado para além das ações individuais;
- b) Lutar contra a individualização para que não se caia na culpabilização dos sujeitos e dos seus problemas;
- c) Lutar contra a intensificação do trabalho do serviço social e das demais categorias;
- d) Exigir espaços para estudos dentro dos ambientes de trabalho;
- e) Lutar contra a privatização e as lógicas privatistas;
- f) Não esquecer a utilização dos instrumentos, mas com ressalvas, já que existem instrumentos manipulatórios e que se reduzem à racionalidade instrumental;
- g) Construir instrumentos que não controlem o usuário, mas que garantam os seus direitos;
- h) Desenvolver articulações com os movimentos sociais e;
- i) Utilizar uma racionalidade crítico-dialética nos processos de trabalho. Nesses termos, é a instrumentalidade apreendida como mediação, que permitirá compreender as reais demandas postas à profissão no processo de trabalho do serviço social do HC/UFPE.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa foi realizada com assistentes sociais que atuam no Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco (HC/UFPE). Objetivou-se analisar a

apropriação e incorporação da instrumentalidade, como mediação, no exercício profissional dos (as) assistentes sociais em tempos de contrarreforma do setor saúde.

Neste estudo, a opção pelo método histórico-crítico nos possibilitou apreender a categoria mediação e como essa vem influenciando as disciplinas de fundamentos do serviço social brasileiro na contemporaneidade. Consideramos que a instrumentalidade ainda necessita de aprofundamento pelo conjunto da categoria profissional de serviço social, devido aos vários vieses e dúvidas que são gerados pela falta de aprofundamento teórico, ou, até mesmo, pela confusão teórica gerada pela similaridade com a terminologia de instrumentais técnico-operativos.

Em relação ao HC/UFPE, verificamos que as assistentes sociais, apesar dos muitos desafios, têm conseguido se apropriar e garantir a existência de uma instrumentalidade, como mediação, nas ações cotidianas. São estratégias que questionam e se articulam com outras categorias para proposições que sejam capazes de superar o aparente ou o conformismo.

Conclui-se afirmando que são tempos difíceis, mas que apresentam possibilidades. A instrumentalidade e a mediação são elementos fundamentais para dar materialidade à luta e resistência contra o avanço da contrarreforma do setor da saúde brasileiro.

## REFERÊNCIAS

GUERRA, Yolanda. A Instrumentalidade do Serviço Social. São Paulo: Cortez, 1995.

GUERRA, Y. A. D. Instrumentalidade do Processo de Trabalho e Serviço Social.

Revista Serviço Social e Sociedade, n. 62, p.5-34, 2000a.

\_\_\_\_\_. A Instrumentalidade no Trabalho do Assistente Social. In: Capacitação em Serviço Social e Política Social, Módulo 4: O trabalho do assistente social e as políticas sociais, CFESS/ABEPSS- UNB, em 2000b.

\_\_\_\_\_. A instrumentalidade do Serviço Social. São Paulo: Cortez, 2014.

IAMAMOTO, M. V. Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social. São Paulo: Cortez, 2007.

LEVEBVRE, Henri. Lógica formal/lógica dialética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

MOTA, Ana Elizabete. Espaços ocupacionais e dimensões políticas da prática do assistente social. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 120, p. 694-705, dez. 2014. Disponível em . Acesso em: 19 jan. 2019.

PERNAMBUCO, Universidade Federal de. *Manual de Normas, Procedimentos e Rotinas do Serviço Social*. Recife: Hospital das Clínicas, 2003.